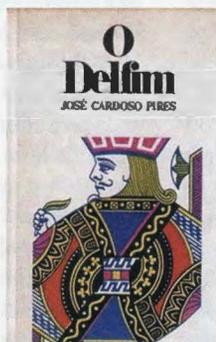


LIVRO EXCELENTÍSSIMO

José Cardoso Pires ganhou os leitores portugueses, num ano literário que deixa marcas e sinais até hoje
 • por **Silvia Souto Cunha**

Bastava um punhado de escudos na mão e o vasculhamento de estantes para, nesse ano, encontrar cometas literários vários, escritos em português. 1968 foi tempo do pequeno grande livro dito infantil de Sophia, *A Floresta*. E da devoção a *O Instinto Supremo*, de Ferreira de Castro. E do afogamento em volumes poéticos que, em nós, reverberam até hoje: *Os Afluentes do Silêncio*, de Eugénio de Andrade, *Sete Septeto*, de Rui Cinatti, *Sobre o Lado Esquerdo*, o *Lado do Coração* e *Micropaisagem*, ambos de Carlos de Oliveira. Lá longe, Jorge de Sena ateava outros sinais de fogo, aulas de Literatura Portuguesa e Brasileira nas universidades do Wisconsin e da Califórnia. Cá dentro, à sombra de lápis azuis, Mário Ventura dava à estampa *O Despojo dos Insensatos* e Maria Isabel Barreno mostrava *De Noite as Árvores São Negras*. Dinis Machado, perdão, Denis McShade, lançou três policiais (antes de Molero desfiar o seu relatório): *Mão Direita do Diabo*, *Mulher e Arma* com *Guitarra Espanho-*



O ESCRITOR NA COSTA DE CAPARICA José Cardoso Pires, inseparável do seu cigarro

la, Requiem para Dom Quixote. Coisas à *film noir* para esquecer polícias de costumes. David Mourão-Ferreira abordou afectos e costumes em *Os Amantes e Outros Contos* e Augusto Abelaira, esse, editava *Bolor*, sobre a desagregação de um casamento.

Mas o ano literário português pertenceu a José Augusto Neves Cardoso Pires, então compadre de 43 anos já com livros feitos e manias sobejamente conhecidas: amigo dos amigos Luís Sttau Monteiro e Alexandre O'Neill (que deixaram *opus* próprios para outros anos): escreba que escrevia e reescrevia exaustivamente os seus papéis; domador de parágrafos cinematográficos e malabarista difícil de arrumar em género único; adepto da coloquialidade rente às expressões do

quotidiano da sua época e resistente ao autoritarismo vigente. O livro que publica em 1968 passou, como todos os outros que assinou, por várias versões sofridas naquela sua letra despachada. O esforço valeu o panteão para *O Delfim* (as primeiras edições na Moraes Editora, restantes reencarnações nas Publicações Dom Quixote).

Obra-prima, apontaram-lhe na altura, pela prosa saborosa e pela radiografia humana às cercanias lusitanas. Obra-prima, repetem mais tarde, sublinhando-lhe o vanguardismo na mistura de géneros, nas várias vozes e registos presentes, na fragmentação narrativa. Tudo o que viria a tornar-se banal na literatura posterior, rompida com o neo-realismo vigente – salazarices ficcionais, se se quiser ter essas liberdades. Para quem prefere coisas chãs, como José Cardoso Pires, que, dizem os mais próximos, emboscava os corações alheios pela sua simplicidade, pode ler-se *O Delfim* como uma história à maneira de um policial.

OBRA-PRIMA Livro dentro de livro, é um marco na literatura nacional que traz aquilo que seria o romance contemporâneo